

O MUNDO NO ARAME de Rainer Werner Fassbinder _ 3 de Maio de 2012

sinopse Uma mini-série televisiva de duas partes, estreada em Outubro de 1973. Rodada em Paris, adapta um romance de ficção científica do americano Daniel Galouye sobre um cientista que, ao investigar acontecimentos estranhos relacionados com um "mundo virtual" criado num laboratório, dá por si a questionar a própria natureza da realidade. Com 3h25 de duração total, "O Mundo no Arame" nunca teve exibição comercial em sala e, depois de passar na televisão, caiu no esquecimento, interrompido apenas por pontuais retrospectivas do cineasta. O seu restauro, a cargo da Fundação Fassbinder e sob a supervisão do director de fotografia original, Michael Ballhaus, sublinha mais uma vez a noção de "liberdade" que percorria o cinema dos anos 1970.

ficha técnica Título original: Welt am Draht (Alemanha, 1973, 205 min.)

Realização e Argumento: Rainer Werner Fassbinder

Interpretação: Klaus Löwitsch, Barbara Valentin, Mascha Rabben, Ulli Lommel

Produção: Peter Märthesheimer, Alexander Wesemann

Música: Gottfried Hüngsborg

Fotografia: Michael Ballhaus

Montagem: Ursula Elles, Marie Anne Gerhardt

Distribuição: Leopardo Filmes

Estreia: 17 de Novembro de 2011

Classificação: M/12

Página Oficial: <http://www.janusfilms.com/worldonawire/>



Fassbinder, antigo e moderno

João Lopes, Cinemax

Começou por ser uma mini-série televisiva, já lá vão quase 40 anos. Agora, "O Mundo no Arame" foi restaurado, está nos cinemas e permite-nos redescobrir o fulgor criativo de Rainer Werner Fassbinder.

Espantosa surpresa. Mas não exactamente uma revelação... Assim é "O Mundo no Arame", de Rainer Werner Fassbinder, uma grande estreia nas salas de cinema que, afinal, tem a sua produção datada de 1973. E, para mais, em televisão.

Na altura, Fassbinder (1945-1982) já não era um desconhecido. Longe disso: o seu nome destacava-se em todo um movimento de renovação do cinema alemão onde também podíamos encontrar Werner Herzog, Wim Wenders ou Hans-Jurgen Syberberg. Tinha já dirigido título emblemáticos da sua obra, incluindo o fabuloso "As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant" (1972).

Agora, em notável cópia restaurada, compreendemos que "O Mundo no Arame" lhe permitiu experimentar uma variante insólita: uma mini-série televisiva, em duas partes (totalizando 205 minutos), tendo por base o romance "Simulacron-3", de Daniel F. Galouye. Mais do que isso: "O Mundo no Arame" aventura-se nos domínios da ficção científica, encenando um mundo assombrado em que o poder está naqueles que controlam os computadores capazes de gerar

poderosas simulações da realidade -- em boa verdade, o tema nuclear de filmes tão importantes como "Matrix" (1999) estava aqui.

Fassbinder encena o futuro a partir de uma desconcertante colagem ao presente. Dito de outro modo: são os cenários da Alemanha do começo da década de 70, tal e qual, que servem de pano de fundo a uma história que tem tanto de macabro como de irónico. Como se ele documentasse um tempo que já contém os fantasmas do seu futuro.

Daí o sentimento de um filme antigo, pela produção (para mais rodado nas cores tão peculiares, e tão fascinantes, da película de 16 mm), mas exemplarmente moderno pelos temas e pela narrativa. No fundo, Fassbinder coloca em cena, não apenas o poder crescente das máquinas, mas sobretudo o apagamento das fronteiras tradicionais entre "realidade" e "simulação". Nesse processo, é a própria identidade humana que se contempla nos seus impasses.

O Megaville

Luís Miguel Oliveira, Público de 17 Novembro de 2011

“O Mundo no Arame”, na sua articulação entre totalitarismo e ficção científica, é assim a modos que um “Testamento do Dr. Mabuse” para os anos 70...

Da arca de Fassbinder salta agora “O Mundo no Arame”, mini-série de dois episódios, ou telefilme em duas partes, conforme se prefira, realizado para a televisão alemã em 1973. Não é uma novidade absoluta - a Cinemateca mostrou-o na retrospectiva Fassbinder de 2007 - mas vem em versão restaurada muito recentemente, com estreia mundial em 2010. “O Mundo no Arame” é Fassbinder a jogar com códigos e elementos que poucas vezes se associam ao seu universo: os da ficção científica. Abre-se uma recensão de “O Mundo no Arame” e lêem-se imediatamente imensos nomes que não é costume ver citados quando o assunto é Fassbinder: Philip K. Dick, Kubrick, a saga dos “Matrix”, até Cronenberg, cujo “Existenz”, se não cita explicitamente o final deste filme, fica lá perto...

Adaptado de um romance de ficção científica de um escritor americano (Daniel Galouye) com título abundantemente sugestivo (“Simulacron 3”), sem dúvida que o efeito de “contemporaneidade” impressiona, tanto os seus assuntos estão hoje (e por certo mais do que em 1973) na ordem do dia: um mundo a tender para o puro simulacro, a preponderância da tecnologia informática, o “corporate power”, a promiscuidade entre as grandes corporações e os governos, a destruição da identidade individual, a invenção da identidade virtual - o catálogo é extenso, e a acumulação destes elementos, mais fantasia menos fantasia, cria um mundo, de facto, “no arame”, uma desordem reconhecível (porque, em parte, é a nossa), acrescida da inquietante e tão fassbinderiana angústia da iminência da catástrofe, porque o desenho de fundo é, evidentemente, o de um mundo que se “totalitariza” em espectacular opacidade, uma vez lançado o isco da “democracia tecnológica”.



Estas campanhas, pelo menos nos detalhes, são mais de 2011 do que de 1973, e se são ótimas razões para que se recupere “O Mundo no Arame” conviria não reduzir tudo a uma questão de “antecipação”. O futuro vemos nós, Fassbinder talvez pensasse mais no presente e no passado

da Alemanha. Da Alemanha Federal dos anos 70, aquele ambiente crispadíssimo do pináculo da guerra fria e dos “anos de chumbo”; e da Alemanha de algumas décadas antes, porque a desordem “futurista” de “O Mundo no Arame” convoca ecos da desordem nos anos do estertor da República de Weimar, não muito longe dos termos em que o próprio Fassbinder, anos depois, a filmaria na “Berlin Alexanderplatz” adaptada de Doblin (e a sensação de que “O Mundo no Arame”, na sua espécie de sobrecarga narrativa, nos desvios e diversões, é um “ensaio” para essa série apodera-se-nos dos espírito bastante cedo e não se esvai). Tanto mais que para além de convocar quase toda a sua “família” (atenção ao “cameo” de um muito jovem Werner Schroeter), Fassbinder faz de “O Mundo no Arame” um pequeno catálogo das suas influências e referências: se o filme nos ensina de que maneira se podem ligar os espelhos de Sirk às superfícies baças de Kubrick, o “Alphaville” de Godard é uma inspiração óbvia e predominante, confirmada até pela presença de Eddie Constantine; e com ou sem essa mediação, o espírito do “filme negro” americano (que Fassbinder, noutros filmes, já evocara várias vezes), e através dele a sua raiz, germânica como se sabe (pois o “filme negro” foi praticamente uma invenção dos alemães emigrados, ou exilados, em Hollywood). Portanto, todos os caminhos vão dar a Weimar, sombra e exemplo histórico que tantas vezes Fassbinder fez recair sobre a Alemanha sua contemporânea. “O Mundo no Arame”, na sua articulação entre totalitarismo e ficção científica, é assim a modos que um “Testamento do Dr. Mabuse” para os anos 70...